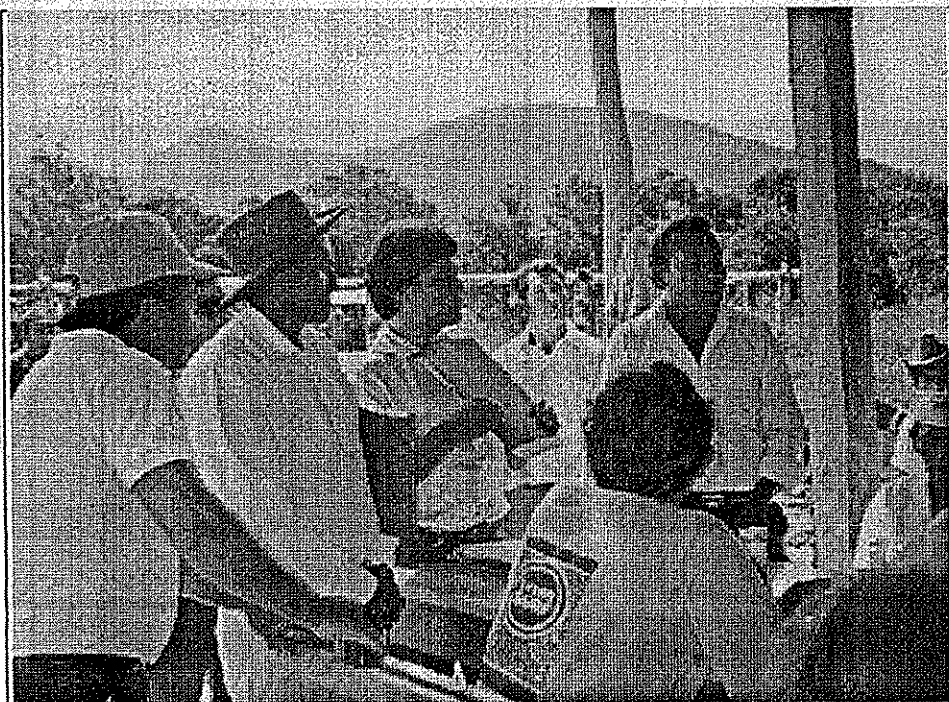


Venezuelano mostra como seu país trata a questão dos povos indígenas



Rodrigues: "Saímos da ignorância e chegamos até a universidade".

Depois de 17 anos de lutas, paternalismo e muito abandono, os povos indígenas da Venezuela podem se considerar vitoriosos na busca da definição de suas terras, nas boas condições de moradia para as comunidades, na saúde e na educação de seus filhos. O caminho foi traçado quando se criou a Comisión Nacional Indios de Venezuela, formada por sete federações. O Conive tem um papel especial na sociedade venezuelana.

Para o capitán general del Sector VI de Santa Elena, Lino Páez Rodrigues, que veio jutamente com o secretário General Comunal de la Comunidad Indígena de Manak-kui - Santa Elena, Rodrigo Mengue Watto, ao encontro da Apir no Sorocaima I, o núcleo formador das bases das comunidades indígenas da Venezuela foi organizado por setores e seguidamente pelas regiões até formar o Conive, com um representante de todas as nações.

- Essa foi a primeira condição saímos da ignorância que nos cercava para podermos lutar contra a ambição dos colonizadores em nossas terras. A Venezuela tem em sua população 67% de nativos e

precisávamos priorizar a educação, saúde e demarcação - contou Lino Páez, 33 anos, que é formado em Biologia pelo Instivoc.

Ele explicou aos tuxauas brasileiros que a educação foi necessária nas comunidades porque os índios vinham perdendo a identidade por deixar de falar o idioma nativo. A maioria falava o espanhol. Foram introduzidas escolas bilingues e assim não perderam as culturas e aprenderam também a se defender. Só no setor VI, onde Lino é o capitán, vivem nove comunidades: Wadá, Manak-kui, San Antonio de Morichal, Wara Maren, Maurak, San Geronimo, Parcupi, Aucha Mavú, San José de Wadamapá. São três mil habitantes. Lino Páez conta que há dez anos atrás as comunidades produziam só para a sobrevivência. Após a conscientização, tudo mudou:

- O meu país, por se centralizador e mais democrático, nos permitiu que cobrássemos sem interferências. Começamos a cultivar laranja, feijão, temos crédito, podemos levar os filhos para as universidades. Nossas casas são de cimento, temos postos de

saúde. Há comunidades que têm pequenas empresas. Não dá para atingir o mercado, mas já é uma sobrevivência sem paternalismo e sim feita com a própria força das comunidades, afirmou.

Com relação à demarcação das terras indígenas, Lino Páez ressaltou que a questão sempre teve a interferência da ambição dos brancos:

- Somos descendentes dos caribes. Para onde vamos não sabemos, perambulamos muito. Por isso vale a pena a demarcação de nossas terras, para não acontecer como nos Estados Unidos, que têm hoje algumas reservas. Se não fundássemos as federações, já teria acontecido um extermínio - enfatizou o venezuelano, incentivando os brasileiros a que se organizem também.

Lino Páez alertou às comunidades do Brasil para as questões relativas aos ianomamis da Venezuela. Ele ressaltou que a ONU protege e respeita os direitos do homem. "É preciso respeitar o índio que está isolado. Quando interferem em nossas comunidades, nós reclamamos a falta de lei e vamos ao ministério da Defesa", reagiu.